

ATUAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA ARQUITETURA MODERNA DO SÉCULO 20: estudo sobre as obras de Georgia Louise Harris Brown

Eloah Maria Coelho Rosa (IC) e Ruth Verde Zein (Orientadora)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

A arquitetura brasileira atual é herdeira da arquitetura moderna do século 20 e sua importância é estudada e debatida na formação de novos profissionais, principalmente nas disciplinas de Teoria e História da Arquitetura. Entretanto, como uma aluna negra e mulher, sempre me questionei sobre a ausência de referências de obras das profissionais negras na construção das narrativas sobre a arquitetura brasileira moderna e contemporânea. A presente pesquisa visa questionar a ausência e/ou invisibilização das obras de mulheres negras nas narrativas sobre a arquitetura moderna brasileira do século 20 e ampliar as referências arquitetônicas para além das narrativas canônicas. Nas revistas Acrópole (São Paulo, 1938 – 1971) e Casa & Jardim (Rio de Janeiro, 1966 – 1992) foram mapeados os nomes de arquitetas mulheres, buscando verificar quais pertenciam a mulheres negras. Apesar das dificuldades dessa busca, foram confirmados três nomes, pertencendo a uma paisagista, a uma engenheira e a uma arquiteta pesquisadora. Ademais, realizou-se cinco estudos de caso de obras da arquiteta negra estadunidense Georgia Louise Harris Brown, que atuou no Brasil entre 1953 e 1993, debatendo a questão da atribuição da autoria, pois o trabalho de várias arquitetas resta anônimo por atuarem nas equipes dos escritórios que trabalhavam, como no caso de Georgia Brown.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna. Arquitetas Negras. Visibilidade.

ABSTRACT

Brazilian architecture today is the heir to 20th-century modern architecture, and its importance is studied and debated in the formation of new professionals, especially in the disciplines of Theory and History of Architecture. However, as a female black student, I have always wondered about the absence of references to the works of black professionals in the construction of narratives about modern and contemporary Brazilian architecture. This research aims to question the absence and/or invisibility of black women's works in the narratives about modern Brazilian architecture of the 20th century and to broaden the architectural references beyond the canonical narratives. The names of women architects were mapped in the magazines Acrópole (São Paulo, 1938 - 1971) and Casa & Jardim (Rio de Janeiro, 1966 - 1992), seeking to verify which ones belonged to black women. Despite the difficulties of finding information, three names were confirmed, belonging to a landscape

architect, an engineer, and a researcher architect. Furthermore, five case studies of the work of Georgia Louise Harris Brown, a black American architect who worked in Brazil from 1953 to 1993, were carried out. The question of attribution of authorship is debated, since the work of several female architects remains anonymous since they worked in their offices' teams, as in the case of Georgia Brown.

Keywords: Modern Architecture. Black Women Architects. Visibility.

1. INTRODUÇÃO

A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (RIBEIRO, 2020, p.42).

Este trabalho está alinhado ao projeto de pesquisa coordenado pela professora arquiteta Ruth Verde Zein, cujos resultados parciais foram publicados no livro “Arquitetura Moderna no Brasil: Revisões Historiográficas” (2022). Esses estudos ajudaram a tornar perceptível a relativa ausência de amplitude e diversidade nas obras e profissionais estudados, nas narrativas assentes da arquitetura brasileira, estabelecendo um cânon repetitivo e excludente. A presente pesquisa tem como objetivo geral questionar a ausência de referências de mulheres arquitetas, sobretudo mulheres negras, na arquitetura moderna brasileira do século 20 contestando a ausência ou invisibilidade dessas profissionais no Brasil.

A tarefa não é apenas ampliar o cânon, mas também questionar e tornar visível como a raça afeta os processos institucionais de coleta, valorização e narrativização histórica. (CHENG; DAVIS; WILSON, 2020, p.10, tradução nossa).

A pesquisa buscou realizar um levantamento preliminar de nomes e obras arquitetônicas situadas no Brasil, realizadas no século 20, de autores e autoras pertencentes a algumas minorias sociais. O foco específico desse estudo é o de valorizar as obras realizadas por arquitetas negras. Buscou-se maiores informações sobre essas arquiteturas e autoras para identificá-las, reconhecê-las e permitir que sejam integradas às referências já existentes. Por se tratar de um tema pouco explorado e bastante inédito, apesar de sua evidente relevância, foi trabalhoso encontrar informações que confirmassem as referências às arquitetas negras ou que debatessem o tema de raça dentro da arquitetura moderna do século passado no Brasil.

Além de mapear as arquitetas negras, a pesquisa realizou estudos de caso de reconhecimento crítico e referenciado (ZEIN, 2019, p.23) das principais obras brasileiras com a participação de Georgia Louise Harris Brown. A arquiteta foi escolhida por causa da relevância das obras em que participou, muitas delas tendo sido diversas vezes publicadas em anúncios de arquitetura e nas edições da revista Acrópole (São Paulo, 1938 – 1971). Estão publicadas algumas informações gerais sobre a biografia de Georgia Brown, mas suas obras arquitetônicas ainda foram pouco estudadas.

A pesquisa partiu da hipótese de que havia poucas informações e que, possivelmente, foi dada pouca importância à produção profissional de arquitetas e arquitetos negros. Assim, tanto a presença como a ausência de dados sobre o tema, poderiam confirmar a validade ou não dessa hipótese. Foram encontrados alguns resultados iniciais sobre as arquitetas negras, confirmando sua efetiva presença na arquitetura moderna brasileira do século 20. Entretanto, o fato de não terem sido amplamente estudadas, apesar de sua evidente relevância, também

demonstra a pouca atenção das pesquisas feitas até o momento dentro da profissão da arquitetura e urbanismo ao enfoque de gênero e raça. Essa escassez corrobora e enfatiza a necessidade de prosseguir realizando levantamentos mais amplos e sistemáticos focados, especificamente, nas arquitetas negras, e suas obras.

Além das poucas informações consolidadas acerca do tema, a situação extrema de isolamento social causada pela pandemia de COVID-19 (2020-2), que coincidiu com a proposição e realização dessa pesquisa, foi um obstáculo para o acesso de informações nos arquivos físicos. Como exemplo, nos acervos da prefeitura de São José dos Campos e da prefeitura São Paulo o acesso é feito somente presencialmente, situação impeditiva face à pandemia. Portanto, os desenhos técnicos e documentos foram todos obtidos por meio digital, em teses, sites, revistas escaneadas e por meio de livros de arquitetura¹.

Outra proposta era realizar entrevistas com várias pesquisadoras que focam nos temas de gênero, raça e arquitetura para substanciar e ampliar a base teórica dessa pesquisa, que está associada a temas que abrangem questões consideradas na discussão do feminismo e do feminismo negro. Todavia, mesmo tendo sido realizado o contato com diversas arquitetas da listagem propostas no projeto de pesquisa, muitas não responderam aos convites de entrevista ou não responderam às perguntas enviadas. Foi possível uma breve conversa com a arquiteta Gabriela de Matos, que indicou a paisagista negra Carlota Macedo Soares e entrevistar as arquitetas e pesquisadoras Vilma Patrícia, Júlia Mendonça e Zaida Muxi.

Entende-se que o esforço desta pesquisa se constitui como uma etapa inicial e de base. Seus resultados podem, inclusive, ajudar a estabelecer uma cronologia mais adequada e ligada com a contemporaneidade. A pesquisa e seus resultados tendem a questionar a relação entre a história e a historiografia da arquitetura. Estes estudos buscaram também compreender em até que ponto a perspectiva dos “grupos sociologicamente considerados minoritários” (ALMEIDA, 2020, p.31) foram contempladas pela arquitetura, pois como afirmava a arquiteta Marina Waisman:

[...] parece óbvio repetir que tudo o que aconteceu na vida de um grupo humano constitui, igualmente, sua história; haverá momentos mais felizes, outros mais difíceis e obscuros, porém é o conjunto de experiências que forma um país, sem excluir nenhuma delas. Não faz nenhum bem a uma comunidade esquecer passagens de sua própria história, às vezes dolorosas e terríveis. A arquitetura, como as cidades, são testemunhos de todas essas etapas e, como tal, participam da condição de uma herança histórica inevitável. (WAISMAN, 2013, p.196).

¹ Agradecemos ao arquiteto Ademir Pereira dos Santos pela generosa publicação dos desenhos arquitetônicos necessários à realização de um dos estudos de casos da Georgia Brown, e por atribuir a obra à arquiteta no livro *Arquitetura Industrial: São José dos Campos* (2006).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a realização da pesquisa foram usados os conceitos que vêm sendo debatidos pelo feminismo, feminismo negro e antirracismo para explicar a invisibilidade das obras ao longo do período modernista do século 20. Esses conceitos englobam a representatividade, a invisibilidade e a exclusão: “O que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural” (RIBEIRO, 2019, p.14).

Como referencial para entender a situação da pouca presença feminina no período arquitetônico moderno do século passado, nos apoiamos nos conceitos trabalhados nos textos da arquiteta argentina/espanhola Zaida Muxi, da arquiteta argentina Inés Moisset e da arquiteta valenciana Eva Álvarez, analisando as construções das narrativas históricas e a seleção limitada dos fatos nos livros canônicos. Como, por exemplo, Eva Álvarez e Carlos Gómez consideram, no texto *The Invisible Woman: How female architects were erased from history*: “o sexismo e a questão da autoria não afetam apenas o presente, mas também distorcem o passado” (ÁLVAREZ; GÓMEZ, 2017, tradução nossa).

A invisibilidade e ausência da mulher negra na arquitetura do século passado não é apenas um problema historiográfico, mas também uma exclusão, já apontada pelas autoras que debatem os conceitos do feminismo negro. Nesse sentido, os livros da escritora Djamila Ribeiro como: “Meu Pequeno Manual Antirracista” (2019) e “Lugar de Fala” (2020) esclarecem o assunto, facilitando e contextualizando o entendimento da pauta em questão.

É preciso pesquisar, ler o que foi produzido sobre o tema por pessoas negras — e é bastante coisa. No caso de quem tem acesso a bibliotecas e universidades, a responsabilidade é redobrada, e não deve ser delegada. (RIBEIRO, 2019, p.40).

Essa linha de pensamento é aprofundada no livro “Racismo Estrutural” (ALMEIDA, 2020), que contextualiza as origens do racismo no Brasil e seus reflexos atuais nas diversas áreas da sociedade. Segundo o autor, o racismo é uma forma de discriminação baseada na raça, que resulta em desvantagens ou privilégios de acordo ao grupo racial de cada indivíduo. Nos conceitos do feminismo, sobretudo o feminismo negro, nos baseamos na ideia da participação das mulheres na história como resistência e reexistências, já que resistência é persistir para defender o que se é (WAISMAN, 2013), pois o principal objetivo do feminismo negro é “restituir humanidades negadas” (XAVIER apud RIBEIRO, 2020, p.22).

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo, é pensar em projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e reexistências. (RIBEIRO, 2020, p.14).

As noções conceituais sobre a necessidade da revisão dos processos historiográficos relacionados à construção das narrativas sobre a arquitetura moderna no Brasil, também estão presentes nos fundamentos da pesquisa. O estudo foca em obras brasileiras, necessariamente influenciadas pelas questões econômicas e políticas do país, e pelos processos históricos, culturais e sociais que moldaram a produção da arquitetura. Para a compreensão dessas questões tomamos como base o livro da arquiteta e historiadora Marina Waisman “O interior da História (2013)”, que expõe a necessidade da revisão da história da arquitetura na América Latina a partir da conexão com a nossa realidade:

Uma análise que desconsiderasse a origem das ideias arquitetônicas — que informam sobre a obra — deixaria as soluções sem explicações, as quais apareceriam como produtos geniais ou caprichosos, sem raízes culturais que lhe dessem sentido. (WAISMAN, 2013, p.15).

A pesquisa também considerou o contexto histórico do século 20, estudado a partir da fala de Waisman, já que os elementos históricos influenciaram na arquitetura e no reconhecimento das autorias, pois, assim como a pesquisadora esclarece, a cultura é produto humano, mas ao mesmo tempo o humano é resultado de sua cultura:

Por seu lado, uma crítica que não atendesse à condição histórica do objeto arquitetônico analisado não poderia alcançar seu significado, uma vez que, como todo fato cultural, o fato arquitetônico está imerso na história e é inexplicável fora dela. (WAISMAN, 2013, p.29).

A pesquisa também realizou o estudo referenciado de algumas das obras que tiveram participação da arquiteta Georgia Louise Harris Brown, executadas aqui no Brasil e de algumas das obras das arquitetas encontradas. O estudo e análise dessas obras tomou como base conceitual as propostas metodológicas explanadas no texto “Há que se ir às coisas”:

O motivo pelo qual se procede a um reconhecimento crítico e referenciado de uma obra de arquitetura é atingir esse fim que previamente estabelecemos, de maneira consciente ou não, e que pode ser explicitado através daquela outra pergunta fundamental e básica: para que se vai ler essa obra. Pergunta que, em cada caso, deveria sempre ser formulada às claras, de maneira a permitir que todo o processo possa vir a ser verificado, e confirmado seu rigor e consistência (ZEIN, 2018, p.26).

A pesquisa deseja colaborar na ampliação dos cânones, pelo reconhecimento e resgate de visibilidades, de forma a torná-los mais inclusivos e abertos às minorias sociais. “Precisamos ir além do que já conhecemos” (RIBEIRO, 2019, p.67).

3. METODOLOGIA

A pesquisa tomou como base metodológica os estudos realizados no projeto de pesquisa coordenado pela professora arquiteta Ruth Verde Zein, cujos resultados foram publicados no livro “Arquitetura Moderna no Brasil: Revisões Historiográficas” (2022). Neste, foram revisados oito livros panorâmicos sobre a arquitetura brasileira do século 20, de maneira a verificar as obras e autores citados, as presenças e as ausências. A partir desses dados foi

possível verificar a ausência de referências sobre arquitetas negras nesses livros “canônicos”, sugerindo a necessidade de serem buscadas outras fontes.

Para encontrar as profissionais negras, além da busca em artigos, teses e monografias, foram realizadas varreduras nas revistas, como a Acrópole (São Paulo, 1938 – 1971) e Casa & Jardim (Rio de Janeiro, 1966 – 1992), como forma de também incorporar as referências do período estudado. Ambas as revistas foram escolhidas devido a sua disponibilização virtual, visto a impossibilidade de adquirir o material presencialmente frente a situação de pandemia da COVID-19 (2020-2), coincidente com o período de desenvolvimento da iniciação.

Para mapear a existência de outras arquitetas negras atuantes no século 20, a pesquisa realizou inicialmente a leitura e análise de dados e informações constantes na revista Acrópole (São Paulo, 1938 - 1971), disponibilizada virtualmente no site da FAU USP. Na varredura realizada foram folheadas as 390 edições, observando tanto os artigos como os anúncios e índices, em busca dos nomes das mulheres. Com os dados encontrados, foi organizada uma planilha com o nome localizado de cada mulher profissional citada ao longo de toda a existência da revista. Buscamos então identificar quais delas eram mulheres negras. A identificação da raça de cada arquiteta foi feita por meio de fotos e registros.

Apesar de terem sido citados nomes femininos em mais 230 referências, a única mulher negra citada identificada foi a arquiteta paisagista Carlota de Macedo Soares, como coordenadora do projeto do Parque do Flamengo (Rio de Janeiro, 1964). Na publicação da revista Acrópole, Carlota teve seu primeiro nome abreviado e foi localizada por causa de seu sobrenome. A anonimização da participação das mulheres dificultou essa busca. Por exemplo, os escritórios em que a arquiteta Georgia Brown trabalhou em seu período de moradia no Brasil foram citados várias vezes, entretanto, em nenhum momento o nome de arquiteta foi identificado nessas publicações, possibilitando o questionamento dessa exclusão, uma vez que é feito o reconhecimento da autoria apenas para um profissional.

Também foi realizada uma varredura nos nomes de mulheres arquitetas e engenheiras citadas na revista Casa & Jardim (Rio de Janeiro, 1966 – 1992). Os nomes citados foram disponibilizados pela arquiteta Dely Bentes, também responsável pela digitalização e disponibilização da revista de forma virtual no site “Arquitetura Cotidiana”. A partir dos nomes mapeados pela arquiteta buscou-se verificar quais das mulheres citadas eram negras, todavia nenhuma foi seguramente identificada. Ambas as planilhas foram disponibilizadas na pasta drive².

² Link da pasta drive com planilhas e entrevistas:

https://drive.google.com/drive/folders/16f5tiB31y4MYGRdOr_Jyh0mwZHL5Ya8i?usp=sharing.

No decorrer da pesquisa localizamos três profissionais negras, além da arquiteta Georgia Brown. A partir dessa identificação, foram realizados estudos biográficos e das obras nas quais elas tiveram participação, buscando informações em teses, sites, artigos e revistas. No caso da arquiteta Georgia Brown já havia conhecimento sobre a publicação de estudos biográficos (FALBEL; WASHINGTON [in] ZEIN (org.), 2017). Assim, a pesquisa focou na execução de estudos sobre cinco das obras dos escritórios que tiveram participação da arquiteta. Os estudos (e a confirmação das autorias) adotaram como base as publicações da revista Acrópole e o livro Arquitetura Industrial (SANTOS, 2006).

Finalmente, também foram realizadas entrevistas abordando os temas de gênero e raça na arquitetura com as arquitetas e pesquisadoras Vilma Patrícia, Júlia Mendonça e Zaida Muxi. Além disso, conversamos com as arquitetas Gabriela de Matos, Dely Bentes e com o coletivo Arquitetas Invisíveis em busca de informações e novas referências de profissionais pioneiras negras.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

- Georgia Louise Harris Brown (1918 – 1999)

Georgia Louise Harris Brown foi uma arquiteta negra estadunidense expatriada no Brasil e foi responsável por participar de diversos projetos, sobretudo de obras industriais. Segundo o artigo “Georgia Louise Harris Brown: a única mulher no escritório, publicado no livro “Caleidoscópio Moderno: Fragmentos de arquitetura moderna em São Paulo” (FALBEL; WASHINGTON [in] ZEIN (org), 2017, p. 185-200) e o artigo FALBEL, Anat; WASHINGTON, Roberta. Georgia Louise Harris Brown. Pioneering Woman of American Architecture. [S.l] c2021, Brown nasceu em 12 de junho de 1918 e recebeu o título de Bachelor of Science em arquitetura na Universidade do Kansas, Estados Unidos, em 1944, tendo trabalhado inicialmente no escritório do engenheiro estrutural e arquiteto Kenneth Roderick O’Neal, em 1945. Também, trabalhou no escritório Frank J. Kornacker Associates, Inc., de 1949 até 1953. Próxima a data, criou uma firma de engenharia e arquitetura, a General Engineers and Designers Co., juntamente com o engenheiro Woodrow B. Dolphin Wayne. Mudou - se para o Brasil em 1953, onde permaneceu até 1993. Nesse período, trabalhou em escritórios como Charles Bosworth Sociedade Civil de Engenharia Ltda., de 1953 até 1956, Construtora Bosworth Ltda., em 1956, Hedeager Bosworth do Brasil S/A, de 1956 até 1962, Hoffmann Bosworth do Brasil S/A, de 1962 a 1969 e associou-se à Julian D’Este Penrose (1916-1968), oficial da Força Aérea Americana, atuando em projetos residenciais. Também no Brasil, fundou alguns escritórios de arquitetura e empresas, a Escandia Ltda, a Brown Bottene Construtora Ltda e a Gryphus Arquitetura Ltda. Em 1993, retornou aos Estados Unidos.

Durante a época de sua vivência no Brasil atuou em diversas obras, principalmente no estado de São Paulo e industriais, tendo inclusive revalidado seu diploma no CREA em 1970.

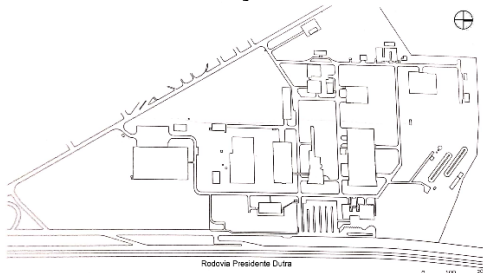
- Kodak Brasileira Comércio e Indústrias LTDA.

De acordo o livro *Arquitetura industrial: São José dos Campos* (SANTOS, 2006), a indústria Kodak foi instalada em São José dos Campos em 1969, "um lugar estratégico para os dois principais mercados consumidores, Rio de Janeiro e São Paulo." (SANTOS, 2006), com projeto sob a direção de Georgia Louise Harris Brown.

O projeto está localizado em um terreno triangular delimitado pela Rodovia Presidente Dutra e pela Avenida George Eastman. A implantação contempla 16 edifícios, as edificações com maior circulação de pessoas e visitantes estão posicionadas próximas à Rodovia Presidente Dutra, enquanto as edificações destinadas à produção estão situadas próximas à Avenida George Eastman. A indústria Kodak Brasileira Comércio e Indústrias LTDA. possui decisões projetuais interessantes, como a ponte de conexão entre os edifícios de fabricação e de acondicionamento e depósito. Provavelmente, a arquiteta decidiu posicionar essa travessia para facilitar o transporte dos produtos fabricados para o depósito, por isso implantou as edificações próximas e conectadas.

Sendo assim, no térreo do bloco de fabricação, estão previstas as salas de uso dos trabalhadores, como vestiários, cozinha, refeitório e recepção. Já no primeiro pavimento, onde foi posicionada a ponte de conexão, e nos outros 4 pavimentos superiores, foram posicionadas as salas destinadas à produção. Outro elemento interessante foi a escolha de grandes vigas-calhas para compor a cobertura da Casa de Máquinas. Esse elemento destaca o edifício do restante dos blocos e "expressa ali o esforço da arquiteta em conciliar a expressão formal com as exigências funcionais solicitadas à arquitetura." (SANTOS, 2006). Neste bloco, a arquiteta Georgia Brown estabeleceu os vestiários na parte superior ao invés do térreo, que foi contemplado pelas salas de produção, como forma de possibilitar a existência de um mezanino sem comprometer o fluxo entre as salas de trabalho.

Figuras 01 / 02: Planta situação / Vista aérea



Fonte: SANTOS (2006, p.204)



Fonte: SANTOS (2006, p.205)

- National City Bank of São Paulo

O antigo edifício sede do National City Bank em São Paulo foi publicado na Acrópole de agosto de 1955 (ed.202, p.459-465). Foi atribuído pela revista como projeto do arquiteto Lúcio da Costa Lima, Charles Bosworth e Welton Becket. No entanto, atualmente pesquisadoras como Roberta Washington e Anat Fabel afirmam a participação da arquiteta Georgia Brown na elaboração do projeto.

O projeto continha, segundo a Acrópole, área total construída de 19600m². Está localizado no encontro entre a Avenida Ipiranga e Avenida São João e continha 14 pavimentos mais dois subsolos. A estrutura da edificação é feita de concreto armado e os pisos e os forros eram “de material isolante e absorvente de ruídos” (ACRÓPOLE, 1955). A entrada principal para o saguão era pela Avenida Ipiranga e na parede ao fundo do saguão do térreo existia um painel do artista Aldo Locatelli representando o desenvolvimento do Brasil com o progresso dos Estados Unidos (ACRÓPOLE, 1955).

O programa do edifício está dividido com os cofres no subsolo, recepção no térreo, administração se estendendo do subsolo até o quinto pavimento e nos demais pisos estavam as salas de renda. A volumetria parece blocos que foram agrupados para abrigar o programa, divergindo em altura, comprimento e forma. As janelas seguem a mesma medida e modulação e se repetem por todo o edifício. A elevação e volumetria do bloco passam uma sensação de edifício pesado e denso, com janelas de vidros escuros padronizadas dentro de grandes blocos de concreto. Atualmente, o que antes era o local de recepção e entrada dos visitantes, se tornou um local de comércio e o prédio não é mais utilizado como sede do City Bank.

Figuras 03 / 04: Planta Térreo / Vista externa



Fonte: ACRÓPOLE (1955, p.461)



Fonte: elaborada pela autora (2021)

- Ford Motors do Brasil SA

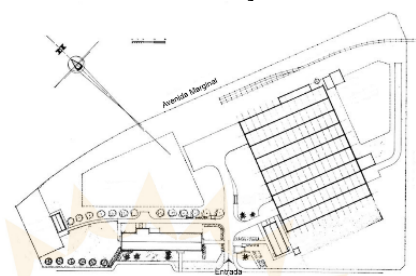
O projeto da indústria Ford Motors do Brasil foi estudado pela revista Acrópole em junho de 1959 (ed.248, p.288-291), foi atribuído ao arquiteto Niels Hedeager e a construção foi atribuída ao escritório Hedeager Bosworth do Brasil.

A indústria foi instalada em Osasco (SP), à margem do rio Tietê em um quarteirão delimitado pela Avenida Marginal, o que facilitava o transporte de mercadorias. A implantação era composta por vários blocos, sendo eles: escritório/refeitório, vestiário/ambulatorio, casa

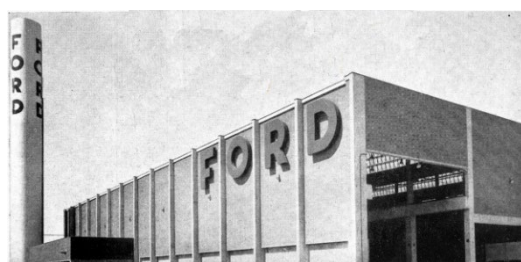
de bombas, casa de manobras e medição, torre de resfriamento e a fábrica. A entrada principal era pelo lado oposto à Avenida Marginal próxima ao edifício de refeitórios e escritórios. Os escritórios eram “amplos, bem arejados e iluminados” (ACRÓPOLE, 1959). Existe uma divisão bem estabelecida entre os espaços dos dois usos.

O edifício da fábrica possui modulação bem definida e é o maior bloco da implantação. Ele continha “todas as operações, as de fabricação de modelos, a moldagem, a preparação de areia, os fornos elétricos e as linhas de fundição” (ACRÓPOLE, 1959). Está localizado em frente à Avenida Marginal, ao lado dos vestiários e ambulatórios e da casa de bombas. O prédio da fábrica possui cobertura em sheds ocultas pela platibanda e as fachadas dos blocos são de tijolo de alvenaria aparente. A partir do Google Maps, foi observado que atualmente a indústria foi demolida e o terreno agora é de uso residencial dividido em 14 quarteirões.

Figuras 05 / 06: Planta situação / Vista externa



Fonte: ACRÓPOLE (1959, p.289)



Fonte: ACRÓPOLE (1959, p.291)

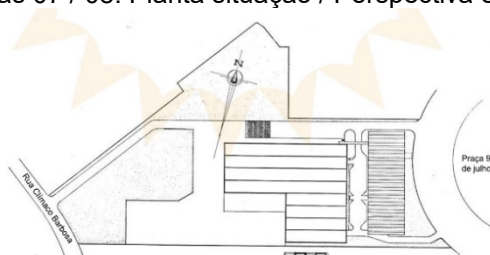
- Lion S.A. Engenharia e Importação

O projeto da indústria Lion S.A. Engenharia e Importação foi publicado pela revista Acrópole em novembro de 1957 (ed.229, p.8-13), em junho de 1961 (ed.271, p.244-246) e foi usado em diversos anúncios de empresas ligadas à construção. A revista atribuiu o projeto ao escritório Hedeager Bosworth do Brasil e a construção ao escritório Pacheco Fernandes, Dantes Ltda. O terreno do projeto possui formato triangular, é delimitado pela Rua Clímaco Barbosa e pela Praça Alberto Lion, ao lado da Avenida do Estado, em Cambuci, São Paulo (SP). A implantação consistia em dois blocos independentes: um conjunto administrativo e uma oficina e armazém de peças, que são interligados por um caminho no térreo e uma travessia no primeiro pavimento.

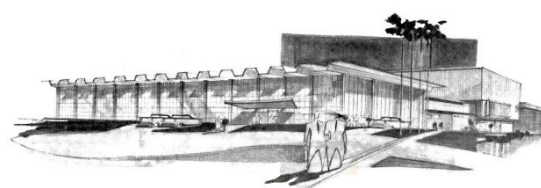
O conjunto administrativo possui dois pavimentos. No térreo foram dispostas as salas de venda, salas do diretor, gerente e uma de conferência e o acesso ao pavimento superior é feito por meio de três escadas. Na planta superior estão as salas de arquivos, mais salas para diretores, gerentes e conferência, além de um escritório geral. A cobertura era feita de lajes cogumelo de 9,50m de vão (ACRÓPOLE, 1961) e grandes vigas calhas, semelhante a obra “Kodak Brasileira Comércio e Indústrias LTDA. (SJC)”, com uma marquise de 4,80m para proteção solar e a estrutura do bloco era de concreto armado (ACRÓPOLE, 1961). O segundo

bloco possui um eixo de divisão bem definido entre a área de armazéns de peças e a oficina influenciando na volumetria. No térreo ficaram as salas de controle, enfermaria, sala de arquivos e um hall público. Já na planta superior, foram posicionados o vestiário, escritório, refeitório e a cozinha. A cobertura da edificação era em sheds com abertura para iluminação, a telha era de fibrocimento (ACRÓPOLE, 1957), as treliças eram metálicas e aparentes e a estrutura do bloco era de aço (ACRÓPOLE, 1957). De acordo com o site GeoSampa, a obra foi demolida entre 1988 e 2004 e atualmente o terreno é ocupado por um estacionamento de uma rede de supermercados e possui uma área destinada para um shopping.

Figuras 07 / 08: Planta situação / Perspectiva externa



Fonte: ACRÓPOLE (1957, p.9)



Fonte: ACRÓPOLE (1957, p.12)

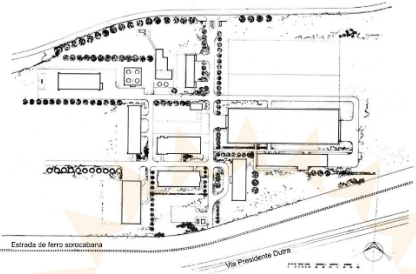
- Pfizer Corporation do Brasil

O projeto da indústria farmacêutica Pfizer Corporation do Brasil foi estudado pela Revista Acrópole em dezembro de 1960 (ed.266, p.55-57) e em outubro de 1963 (ed.300, p.354-356). O projeto foi elaborado, de acordo com a revista, pelo arquiteto Niels Hedeager e a construção foi executada pelo escritório Hedeager Bosworth do Brasil.

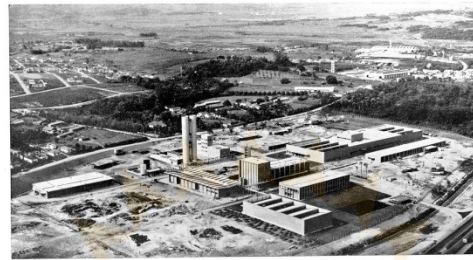
A obra estava localizada em Guarulhos, ao lado da Rodovia Presidente Dutra e próxima ao Rio Tietê, um local estratégico para a instalação da indústria. Contém 15 edifícios e a entrada principal era em frente a Via Presidente Dutra, próxima da casa de guarda e da administração. As fachadas eram de alvenaria de bloco de concreto aparente, “sendo os armazéns executados com parede dupla para melhor controle da umidade.” (ACRÓPOLE, 1960), a estrutura é de concreto exposto e a cobertura de chapas de asbesto-cimento. No prédio da fabricação foram utilizados brises horizontais para o controle da entrada de luz e insolação devido sua orientação norte-sul. Na casa de força, foi previsto uma cobertura de concreto que se assemelha a uma asa de borboleta, ademais, essa cobertura possuía um balanço que criava sombreamento e proporcionava mais suavidade ao bloco.

O edifício da administração possui caixilhos e portas externas de alumínio, colunas aparentes e brises horizontais do mesmo material na fachada. Uma decisão projetual interessante desse bloco é que algumas vedações internas são modulares e podem ser mudadas de posição, abrindo possibilidades para novos espaços e plantas.

Figuras 09 / 10: Planta situação / Vista aérea



Fonte: ACRÓPOLE (1960, p.56)



Fonte: ACRÓPOLE (1960, p.55)

Além das obras de Georgia Brown, foram feitos estudos de caso de uma das obras de cada uma das três arquitetas negras encontradas nos mapeamentos realizados. São elas: a paisagista Lota de Macedo Soares (Parque do Flamengo), a engenheira Enedina Marques (Colégio Estadual do Paraná) e a pesquisadora Yolande Daniels (O Lugar do Escravo).

- Lota de Macedo Soares (1910 – 1967)

Apesar da leitura de várias fontes acadêmicas sobre a paisagista, nenhuma a referenciava como uma mulher negra. Entretanto, como o objetivo da pesquisa é “restituir humanidades negadas” (XAVIER apud RIBEIRO, 2020, p.22), a partir da indicação como referência negra pela coordenadora do coletivo Arquitetas Negras, Gabriela de Matos, a arquiteta foi incluída na pesquisa. Para a elaboração da biografia e estudo de caso da arquiteta foram consultadas muitas pesquisas e sites, sendo os principais: (GHISLENI, 2022), (FREITAS; JOHANN; PREDIGER, 2022), (MORALES, 2010), (GUERRERO, 2017), (ARAUJO, 2016), (DURANTE, 2015), (GUIMARÃES, 2011), (LOPEZ; NACIF, 2021), (FERREIRA, 2019).

Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, conhecida como Lota de Macedo Soares, era filha de brasileiros e nasceu em 16 de março de 1910 em Paris (França). Na década de 30 e 40, a paisagista frequentou cursos de pintura na Universidade do Distrito Federal e cursos no Museu da Arte Moderna, em Nova Iorque. Todavia, nunca cursou aulas de Arquitetura e Urbanismo, sendo autodidata. Na década de 60, a arquiteta foi convidada pelo governador do estado de Guanabara, Carlos Lacerda, para participar da sua equipe no Departamento de Parques da Secretaria Geral de Viação e Obras e na Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN), para coordenar o projeto do Parque do Flamengo. Após sua morte, o ex-governador Carlos Lacerda escreveu uma nota reconhecendo a importância da participação de Soares no parque: “Mas o que fica do parque, se ele existe, se ele sobrevive, tudo isso se deve àquela miúda e franzida criatura, toda nervos, toda luz, que se chamou Dona Lota” (MORALES, 2010).

- Parque do Flamengo (1961 – 1964)

O projeto Parque do Flamengo foi iniciado em 1961 no Aterro do Flamengo, realizado em 1964, reinaugurado em 1965 e tombado como patrimônio histórico pelo IPHAN no mesmo ano. Para sua execução, a SURSAN criou um grupo de trabalho, de arquitetos, paisagistas e engenheiros para a elaboração do parque, entre eles integravam: Bertha Leitchic, Jorge Machado Moreira, Hélio Mamede, Luiz de Mello Filho, Burle Marx e Affonso Reidy, sob a coordenação da Carlota Soares. O projeto foi importante na construção urbana do Rio de Janeiro por priorizar o pedestre na sua elaboração e incorporar o lazer contemplativo e cultural, por meio de museus e pavilhões no seu interior para a realização de atividades recreativas. O desenho paisagístico do parque, realizado por Burle Marx e sua equipe, incorpora

espaços, texturas, superfície, cor e, sobretudo, criando uma sensação de ritmo bem acentuado entre as formas dos canteiros. Por conseguinte, as linhas geométricas, curvas côncavas, convexas e retilíneas se misturam nesse amálgama (GUIMARÃES, 2011, p.24).

Figuras 11 / 12: Vista aérea / Vista aérea interna



Fonte: FERREIRA, A. A. (2019, p.72)

Fonte: ACRÓPOLE (1967, p.24)

- Enedina Alves Marques (1913 – 1981)

Embora Enedina tenha se formado em engenharia civil, foi incluída na pesquisa devido a sua extrema relevância na luta feminista e antirracista por ter sido a primeira mulher formada em engenharia civil no estado do Paraná (SANTANA, 2013) e a primeira mulher negra engenheira do Brasil (SANTOS; MOREIRA, 2017).

Segundo pesquisas realizadas, como (SANTANA, 2011), (SANTANA, 2013), (SANTOS; MOREIRA, 2017), entre outras, e sites como Gazeta do Povo, Enedina nasceu dia 13 de janeiro de 1913, em Curitiba, PR e foi alfabetizada na Escola Particular da Professora Luiza Netto Correia de Freitas, com aproximadamente 12 anos, ingressando, posteriormente, na Escola Normal. Se formou como professora normalista em 4 de dezembro de 1931 e atuou como professora pública e com estudos para alfabetização. Entre os anos de 1938 e 1939, a profissional fez o curso Complementar de Pré-Engenharia. Sua trajetória na universidade se iniciou em 1940, na Faculdade de Engenharia do Paraná (FEP) e se formou em dezembro de 1946. A engenheira participou de diversos projetos no estado do Paraná, entre eles a Usina Hidrelétrica Capivari-Cachoeira (Usina Parigot de Souza), a Casa dos Estudantes

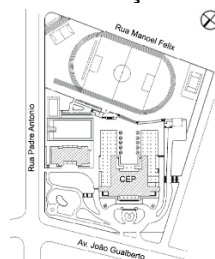
Universitários (publicado pela Acrópole em abril de 1962) e o Colégio Estadual do Paraná (projeto escolhido para a realização do estudo de caso).

- Colégio Estadual do Paraná (1944-1950)

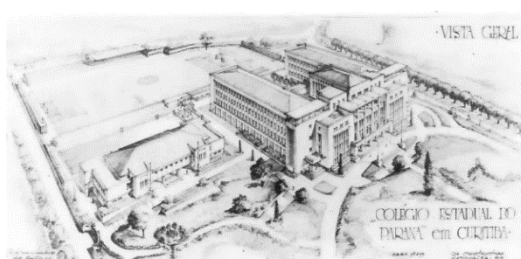
O estudo de caso do Colégio Estadual do Paraná foi feito com informações adquiridas em pesquisas acadêmicas, como (OSINSKI; SANTINI, 2019), (CORREIA, 2004), (BARBOSA, 2019), (RECHIA; FONSECA; SANTOS; VIEIRA; TSCHOKE; SILVA, 2013) e no site do próprio colégio. O lugar era anteriormente conhecido como Liceu de Curitiba e teve seu primeiro projeto em 1846. A construção do edifício atual foi iniciada em 1944 e concluída em 1950. Segundo o pesquisador Jorge Luiz Santana, Enedina Alves Marques participou junto do engenheiro Ernesto Máximo na elaboração da obra. O Colégio Estadual do Paraná está localizado na Avenida João Gualberto, Curitiba, PR, em uma área total de 40000m² e 20000m² de área construída. Possui cinco pavimentos, um subsolo e cada sala de aula possuía área de 54m² e comportava 35 estudantes. Foi desenvolvido com vedação de alvenaria e estrutura de concreto armado, a cobertura era de telha de fibrocimento escondidas pela platibanda.

O programa do colégio contempla salas de aula, biblioteca, anfiteatros, laboratórios, piscina olímpica, ginásio, campos esportivos, pista de atletismo, salão nobre para acomodar 300 pessoas, sala de trabalhos manuais, cantina e sala de transformadores. O pavimento térreo contemplava as atividades administrativas enquanto os pavimentos superiores desempenhavam as atividades de ensino. No período da década de 1940, segundo a pesquisadora Ana Paula Pupo Correia, Curitiba passava por um momento de construção de prédios escolares com plantas padronizadas em formato de “U”. Também, ainda segundo a pesquisadora, os edifícios continham um pátio interno central e na parte exterior era implantado um jardim a frente da fachada. “Pode-se afirmar que a instalação dessa instituição foi única em Curitiba até hoje, construída com toda a imponência e grandiosidade” (CORREIA, 2004, p.152).

Figuras 13 / 14: Planta situação / Perspectiva externa



Fonte: CORREIA (2004, p.150)



Fonte: CORREIA (2004, p.139)

- Yolande Daniels

A arquiteta Yolande Daniels é uma mulher negra estadunidense que veio ao Brasil para o desenvolvimento da pesquisa “Lugares de Escravo” em 1996. Apesar de não ser uma arquiteta pioneira e não possuir obras no Brasil encontradas durante o período da iniciação,

foi incorporada brevemente aos resultados, já que foi localizada no decorrer da pesquisa e elaborou um relevante estudo no fim do século 20 para o resgate da memória negra no Brasil.

Segundo a publicação virtual da Taubman College “Yolande Daniels and Sunil Bald”, a arquiteta estadunidense se formou na City College e é mestre pela Columbia University. Desenvolveu várias pesquisas que abordam o assunto da raça e gênero e, atualmente, é parceira do arquiteto Sunil Bald no escritório de design SUMO (1995). O escritório desenvolve projetos culturais, institucionais, instalações e exposições (DANIELS, 2019). Recebeu diversos prêmios devido ao SUMO, entre eles: Young Architects Awards; Architectural League of New York; National Design Award. Também, foi professora em várias universidades estadunidenses. Na entrevista para o site Gazeta do Povo “Conheça a arquiteta dos EUA que mapeou locais da escravidão no Brasil”, a arquiteta afirmou sobre o escritório SUMO: “Construímos uma empresa que preenche as fronteiras culturais do pensamento e prática arquitetônica através da análise, construção e ensino.”

- Lugar de Escravo (1996)

Como publicado na entrevista feita com a arquiteta no jornal Gazeta do Povo, Daniels veio ao Brasil pela primeira vez em 1994 e ficou seis meses no país. Em 1996, retornou para o desenvolvimento da pesquisa “Lugares de Escravo”, orientada pela historiadora de arte, crítica e autora Rosalyn Deutsche. “Lugares de Escravo” objetivava mapear os espaços destinados às pessoas escravizadas no Brasil e foi promovida pela NY Chapter do American Institute of Architects. A arquiteta afirmou para a entrevista da Gazeta do Povo:

A bolsa de viagem coincidiu com o ano em que eu era bolsista de estudos críticos no Independent Study Program (ISP) do Whitney Museum em Nova York, juntei a pesquisa feita no Brasil e escrevi um trabalho focado no espaço escravo que foi preservado, mas que não é apresentado nas plantas e brochuras oficiais da Casa dos Contos em Minas Gerais. (DANIELS, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nasceu de um sentimento pessoal da autora, bastante comum entre os estudantes de arquitetura e urbanismo, que é a percepção de como as minorias não são contempladas de maneira adequada nos cursos e estudos acadêmicos de forma igualitária. Durante o desenvolvimento da pesquisa, ficou evidente a importância da presença de mulheres na profissão, que apesar da invisibilização, podem ser encontradas citadas várias vezes nas revistas Acrópole, Casa & Jardim e em materiais acadêmicos, como artigos, teses e em muitos outros veículos de divulgação. O que nos faz questionar o porquê do cânon repetitivo e excludente, como demonstrado no livro “Arquitetura Moderna no Brasil: Revisões Historiográficas” (2022).

A partir dos resultados da pesquisa fica ainda mais incontestável a dupla invisibilidade das arquitetas mulheres negras apesar de terem contribuído com obras relevantes para o

desenvolvimento da profissão, visto a dificuldade de encontrá-las nas pesquisas acadêmicas e revistas selecionadas para o mapeamento, sabendo que sobre elas incidem as opressões de gênero e de raça. Esse apagamento também ocorre pelo fato das autorias serem, quase sempre, atribuídas a somente um profissional, em geral homem, branco e proprietário de um escritório. Mulheres e mulheres negras estão presentes, mas invisíveis, não comparecendo nas publicações das revistas arquitetônicas, como o caso ocorrido com a arquiteta Georgia Brown.

A pesquisa se conecta com a recente preocupação de resgate de personalidades na história e confirma a presença das profissionais negras dentro da arquitetura nacional. A partir dos resultados obtidos, espero transmitir um pouco mais de esperança e referências à todas as jovens mulheres que sonham em ser arquitetas, urbanistas e paisagistas. “Afim, o antirracismo é uma luta de todas e todos.” (RIBEIRO, 2019, p.15)

6. REFERÊNCIAS

ACRÓPOLE. São Paulo: Acrópole, 1938 – 1971. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ALMEIDA, Silvio; RIBEIRO, Djamila (coord.). **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

ÁLVAREZ, Eva; GÓMEZ, Carlos. **The Invisible Woman: How females architects were erased from history**. *The Architectural Review*, [s.l.], 8 mar. 2017. Disponível em: [The Invisible Women: How female architects were erased from history - Architectural Review \(architectural-review.com\)](http://architectural-review.com/the-invisible-women-how-female-architects-were-erased-from-history). Acesso em: 06 abr. 2021.

ARAUJO, Fanny Schroeder de Freitas. **Interiores da Casa Brasileira: artefato & gênero & espaço**. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/25867/Fanny%20Schroeder%20de%20Freitas%20Araujo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ARQUITETAS Invisíveis. Brasil, 2017. Instagram: @arquitetasinvisiveis. Disponível em: <https://www.instagram.com/arquitetasinvisiveis/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

ARQUITETAS Invisíveis. Representatividade importa: conheça 31 arquitetas negras. **Archdaily**. Brasil, 8 mar. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/891887/representatividade-importa-conheca-31-arquitetas-negras>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BARBOSA, Edison Neres. **As classes integrais no Colégio Estadual do Paraná na década de 1960: Uma inovação educacional no ensino secundário paranaense**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1770/2/AS%20CLASSES%20INTEGRAIS.pdf>. Acesso em: 20 ago 2022.

BELIN, Luciane. Conheça a arquiteta dos EUA que mapeou locais da escravidão no Brasil. Entrevistada: Yolande Daniels. **Gazeta do Povo**, [s.l.], 02 abr. 2019. Disponível em: [Yolande](https://gdpovo.com.br/2019/04/02/conheca-a-arquiteta-dos-eua-que-mapeou-locais-da-escravidao-no-brasil/)

[Daniels: arquiteta que mapeou locais da escravidão no Brasil \(gazetadopovo.com.br\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2022/08/17/daniels-arquiteta-que-mapeou-locais-da-escravidao-no-brasil-1.7011111). Acesso em: 17 ago. 2022.

BENTES, Dely. **Arquitetura Cotidiana**: Projetos residenciais publicados na revista Casa & Jardim (1977-1992), c2022. Disponível em: [Arquitetura Cotidiana – Projetos residenciais publicados na revista Casa & Jardim \(1977-1992\)](https://www.casajardim.com.br/revista/1977-1992). Acesso: 17 ago. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHENG, I.; DAVIS II, C. L.; WILSON, M. O. **Race and Modern Architecture**: A Critical History from the Enlightenment to the Present. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2020.

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. **Cep.pr**, [s.d]. Disponível em: [Colégio Estadual do Paraná \(cep.pr.gov.br\)](https://cep.pr.gov.br). Acesso em: 17 ago. 2022.

CORREIA, Ana Paula Pupo. **História & Arquitetura Escolar**: os prédios escolares públicos de Curitiba (1943-1953). 2004. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: http://www.ppgge.ufpr.br/teses/M04_correia.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

CORREIA, Ana Paula Pupo. **História & Arquitetura**: a cidade e a escola rumo ao progresso (1943-1953). Paraná, [s.d]. Disponível em: [HISTORIA & ARQUITETURA ESCOLAR: A CIDADE E A ESCOLA RUMO AO <i>PROGRESSO</i> \(anpuh.org\)](https://anpuh.org.br/revista/2022/1/historia-e-arquitetura). Acesso em: 17 ago. 2022.

DURANTE, Silvio. Lota Macedo Soares. Enciclopaedia Biográfica de Arquitetos Digital. [s.l], 29 nov. 2015. Disponível em: <https://www.ebad.info/soares-lota-de-macedo>. Acesso em: 20 ago. 2022.

EAMES, Ray; CHARLES. **Yolande Daniels and Sunil Bald**. Taubman College. Michigan, 2007. Disponível em: [Yolande Daniels and Sunil Bald
 Charles and Ray Eames Lecture \(umich.edu\)](https://www.umich.edu/~taubman/yolande-daniels-and-sunil-bald). Acesso em: 17 ago. 2022.

FABEL, Anat; WASHINGTON, Roberta. Georgia Louise Harris Brown: a única mulher do escritório. In: ANTICOLI, A.; CHIARELLI, S.; CRITELLI, F.; OSSANI, T. **Arquitetura do patrimônio moderno paulista**: reconhecimento, intervenção, gestão. São Paulo, 2017. p.217-229.

FABEL, Anat; WASHINGTON, Roberta. In: ZEIN, Ruth Verde (org.). **Caleidoscópio Moderno**: Fragmento de arquitetura Moderna em São Paulo. São Paulo: Romano Guerra, 2017. P. 185-200.

FALBEL, Anat; WASHINGTON, Roberta. Georgia Louise Harris Brown. **Pioneering Woman of American Architecture**. Estados Unidos, c2021. Disponível em: <https://pioneeringwomen.bwaf.org/georgia-louise-harris-brown/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FERNANDES, José Carlos. Conheça a história da engenheira Enedina Alves Marques. **Gazeta do Povo**, [s.l], 11 abr. 2014. Disponível em: [Conheça a história da engenheira Enedina Alves Marques \(gazetadopovo.com.br\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/04/11/conheca-a-historia-da-engenheira-enedina-alves-marques-1.2411111). Acesso em: 20 ago. 2022.

FERREIRA, Alda Azevedo. Roberto Burle Marx e o Parque do Flamengo: saberes e prática paisagística. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 213, p. 70-82, 6 fev. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/45616>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FREITAS, T. C. S.; JOHANN, M. R.; PREDIGER, P. W. **Mulheres na Arquitetura:** Maria Carlota Costallat de Macedo Soares e Carmen Portinho. Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/papearur/article/view/21262>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GHISLENI, Camilla. **Lota de Macedo Soares e o projeto do Parque do Flamengo.** Archdaily. Brasil, 23 jan 2022. Disponível em: [Lota de Macedo Soares e o projeto do Parque do Flamengo | ArchDaily Brasil](#). Acesso em: 17 ago. 2022.

GUERRERO, Ingrid Quintana. **Dos mujeres en la tradición del paisajismo brasileño:** Lota Macedo Soares y Rosa Glenda Kliass. Bogotá, 2017. Disponível em: [Dos mujeres en la tradición del paisajismo brasileño: Lota Macedo Soares y Rosa Glenda Kliass - Dialnet \(unirioja.es\)](#). Acesso em: 17 ago. 2022.

GUIMARÃES, Marília Dorador. **Roberto Burle Marx:** a contribuição do artista e paisagista no estado de São Paulo. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em: [Modelo de Formação dos Artigos para o TIC'2005 \(mackenzie.br\)](#). Acesso em: 17 ago. 2022.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista:** Da Margem ao Centro. Tradução de Rainer Patriota. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. Título original: Feminist theory from margin to center.

INTERNATIONAL archive of woman in architecture (IAWA). **Virginia Tech.** Blacksburg, 1985. Disponível em: <https://guides.lib.vt.edu/iawa/home>. Acesso em: 6 abr. 2021.

LOPEZ, T. O. G.; NACIF, C. L. O Parque do Flamengo enquanto Patrimônio: Os desafios da peculiaridade estética do jardim pelo valor da historicidade. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, [S. l.], v. 10, n. 26, 2022. DOI: 10.17271/23178604102620223136. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/cidades_verdes/article/view/3136. Acesso em: 20 ago. 2022.

MENDONÇA, Júlia. **As mulheres na arquitetura e urbanismo.** [Entrevista cedida a] Eloah Rosa. [s.l.], ago 2022.

MORALES, Lúcia Arrais. **Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop:** projetos interrompidos. Santa Catarina, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277920454_ARQUIVO_LotadeMacedoSoareseElizabethBishopprojetosinterrompidos.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

MORTICE, Zach. **Architect Georgia Louise Harris Brown** Pioneered Modernism Across Two Continents. RedShift by Autodesk. [s.l.], 6 fev. 2018. Disponível em: <https://redshift.autodesk.com/articles/georgia-louise-harris-brown>. Acesso em: 20 abr 2021.

MUXI, Zaida. **Las mujeres en la arquitectura y urbanismo.** [Entrevista cedida a] Eloah Rosa. [s.l.], ago 2022.

MUXI M., Zaida. **Mujeres, Casa y Ciudades.** Más allá del umbral. Barcelona: DPR, 2018.

OSINSKI, D. R. B.; SANTINI, J. B. Espaço e materialidades para o ensino do desenho e de trabalhos manuais: o caso do Colégio Estadual do Paraná (década de 1950). In: **Cadernos de Pesquisa:** Pensamento Educacional. Curitiba, 2019. p. 213 – 233. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Desktop/Espaco e materialidades para o ensino do.pdf](file:///C:/Users/user/Desktop/Espaco%20e%20materialidades%20para%20o%20ensino%20do.pdf). Acesso em: 20 ago 2022.

PATRÍCIA, Vilma. **As mulheres na arquitetura e urbanismo**. [Entrevista cedida a] Eloah Rosa. [s.l.], ago. 2022.

RECHIA, S.; FONSECA, F. R. da; SANTOS, K. do R. V. dos; VIEIRA, F. G. L.; TSCHOKE, A.; SILVA, E. A. P. C. da. Os Espaços Retratos no Colégio Estadual do Paraná: Diferentes Olhares, uma Mesma Realidade. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 16, n. 4, 2013. DOI: 10.35699/1981-3171.2013.664. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/664>. Acesso em: 21 ago. 2022.

RIBEIRO, Djamila (coord.). **Lugar de Fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Jorge Luiz. Enedina Alves Marques: a trajetória da primeira engenheira do sul do país na faculdade de engenharia do Paraná (1940-1945). **Revista Vernáculo**, nº28, p. 42-75, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/33232>. Acesso em: 20 de ago. 2022.

SANTANA, Jorge Luiz. **Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular**. 2013. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2013/historia_artigos/santana_m.pdf. Acesso em: 20 ago 2022.

SANTOS, Ademir Pereira dos. **Arquitetura Industrial**: São José dos Campos. São José dos Campos: Takano Editora Gráfica, 2006.

SANTOS, João Paulo Lopes dos; MOREIRA, Núbia Regina. **Mulher negra e educação superior**: impasses históricos e atuais. XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, Bahia, 2017. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/6935/6735>. Acesso em: 20 ago. 2022.

UN dia una architecta. **Un Dia Una Architecta**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://undiaunaarquitectura.wordpress.com/>. Acesso em: 6 de abr. 2021.

WAISMAN, Marina. **O Interior da História**: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. Tradução de Anita Di Marco. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Título original: El Interior de la Historia: Historiografía Arquitectónica Para Uso de Latinoamericanos.

ZEIN, Ruth. **Arquitetura Moderna no Brasil**: Revisões Historiográficas. Rio de Janeiro: Editora Riobooks, 2022.

ZEIN, Ruth Verde. **Há que se ir às coisas**: revendo as obras. Rio de Janeiro: Editora Riobooks, 2011.

ZEIN, Ruth Verde. **Leituras Críticas**. São Paulo: Romano Guerra, 2019.

ZEIN, Ruth. **O vazio significativo do cânon VIRUS**, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Contatos: eloahmaria2@outlook.com e ruth.zein@mackenzie.br